

1 JOÃO 4:1-6 COMO UMA RESPOSTA AO PROTOGNOSTICISMO DO PRIMEIRO SÉCULO: UMA LEITURA HISTÓRICA E TEOLÓGICA

1 JOHN 4:1-6 AS A RESPONSE TO THE FIRST CENTURY
PROTOGNOSTICISM: A HISTORICAL AND THEOLOGICAL READING

Roberto Martins Chaves¹

¹ Aluno do 7º período do Curso de Bacharelado em Teologia das Faculdades Batista do Paraná. Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Maranhão. Pós-Graduado Lato Sensu em Inteligência Emocional pela Faculdade Febracis, Brasil. E-mail: roberto.ch@gmail.com.
Orientador: Prof. Dr. Igor Pohl Baumann.

RESUMO

Situado na teologia bíblica e interpretação, este artigo analisa 1 João 4:1-6, perícopo estratégica dentro do corpus joanino, que emprega uma linguagem dualística a uma questão cristológica fundamental. A partir de uma hermenêutica orientada à gênese do texto, a pesquisa responde à seguinte pergunta: qual o significado de 1 João 4:1-6 à luz de seu contexto histórico subjacente? A hipótese é que o texto reage a um semidocetismo, cuja figura arquétipo mais plausível para representar o mundo por trás do texto joanino seria a figura de Cerinto e suas ideias. A primeira seção observa características típicas da linguagem joanina. A segunda seção reconstrói o contexto histórico subjacente de 1 Jo 4:1-6. A terceira seção apresenta como 1 Jo 4:1-6 pode ser lido à luz deste contexto histórico sugestivo. Conclui-se que 1 João 4:1-6 responde a desvios cristológicos, reafirmando a encarnação como critério de ortodoxia. O artigo espera contribuir com discussões dentro da interpretação bíblica.

Palavras-chave: Interpretação bíblica; Teologia do Novo Testamento; 1 João; Cerinto; protognosticismo; semidocetismo.

ABSTRACT

Within biblical theology and interpretation, this essay analyzes 1 John 4:1-6, a strategic pericope within the Johannine corpus, that employs a dualistic language to a fundamental Christological issue. Based on a hermeneutically oriented approach in relation to the origin of the text, this research answers the following question: what is the meaning of 1 John 4:1-6 in light of its underlying historical context? The hypothesis is that the text reacts to a form of semidocetism, in which the archetypal figure in the world behind the text context is well represented by Cerinthus and his ideas. The first session notices typical characteristics of Johannine language. The second session rebuilds a historical context underlying the biblical text. The third session shows how 1 Jo 4:1-6 can be read considering this suggesting historical context. It concludes that 1 John 4:1-6 responds to Christological deviations, reaffirming

the incarnation as a criterion of orthodoxy. This hopes to contribute to discussions within biblical interpretation.

Keywords: Biblical Interpretation; New Testament Theology; 1 John; Cerinthus; protognosticism; semidocetism.

INTRODUÇÃO

Este artigo situa-se dentro da teologia bíblica do Novo Testamento. Percebe-se que é característico da linguagem joanina trabalhar com pares e dualidades na constituição de seus escritos. Dentro da literatura joanina, encontra-se 1 João que representa bem este tipo de linguagem. Mais especificamente e de modo representativo, 1 João 4:1-6 é uma passagem estratégica dentro de 1 João e da literatura joanina do cânon cristão como um todo, não apenas por empregar linguagem dualista, mas também por aplicá-la a questões cristológicas – questões estas, de extrema importância para o leitor e teólogo cristão.

Diante desta delimitação, este artigo está inclinado a sugerir que a questão sobre como interpretar 1 João 4:1-6 bem começa a partir de uma investigação histórica, ou seja, de um empreendimento que reconhece a relação do texto com o mundo que lhe deu origem. Assim, aqui se compreende que o empreendimento histórico é necessário para uma interpretação adequada e limita seu escopo metodológico dentro do espectro de uma hermenêutica orientada à gênese do texto. Por conseguinte, a pergunta que este artigo pretende responder é: qual o significado de 1 João 4:1-6 à luz de seu contexto histórico subjacente?

A hipótese para esta pergunta é que 1 João 4:1-6 constitui uma resposta teológica a uma forma de semidocetismo protognostico no contexto do primeiro século e que compreender bem como se delineia tal pano de fundo é crucial para uma interpretação acertada deste texto. Aqui, então, será argumentado que os adversários joaninos no mundo por

trás do texto propunham uma visão que esvaziava a plena realidade da encarnação e, crucialmente, do sofrimento de Cristo. Por exemplo, a confissão “Jesus Cristo vindo em carne” (1 Jo 4:2) será analisada não como uma declaração genérica, mas como uma fórmula polêmica e precisa, criada para confrontar essa doutrina que dissociava a divindade da vulnerabilidade humana. Portanto, o objetivo geral deste trabalho será analisar esta perícopes a fim de compreender melhor sua relação com o mundo que lhe deu origem e com isso abrir horizontes para leitura de 1 João 4:1-6.

O artigo está dividido em três seções principais. A primeira analisará a obra a partir de sua forma final, focando no vocabulário, estilo e temas do corpus joanino para compreender sua lógica interna. A segunda seção realizará uma sugestão sobre o provável contexto histórico da controvérsia e como ele interage com a passagem escolhida. A terceira seção realizará uma leitura sintética e ilustrativa de 1 João 4:1-6 a fim de demonstrar como a linguagem da perícopes responde plausivelmente ao desafio doutrinário estabelecido por causa de embates com o semidocetismo e protognosticismo.

11 JOÃO 4 NO CONTEXTO DA LITERATURA JOANINA NO CÂNON

Nesta seção será feita uma análise interna das características literárias e teológicas presentes no corpus joanino² considerando o Evangelho

² Embora o Apocalipse integre o corpus joanino em sentido amplo, esta pesquisa foca apenas no Evangelho e nas Epístolas de João devido à maior proximidade literária, teológica e estilística entre esses escritos. O Apocalipse, por sua natureza apocalíptica e profética, apresenta um perfil distinto. Ainda que contenha elementos cristológicos relevantes, como em Apocalipse 1.7, sua exclusão se justifica pelo foco temático e metodológico centrado na cristologia encarnacionista presente de forma mais direta em 1 João 4.1-6.

e as Epístolas³ de João. A investigação será conduzida em três etapas principais: a primeira destacará a unidade estilística e temática entre esses textos, a segunda explorará mais especificamente os temas centrais presentes em 1 João e, por fim, será demonstrado como a perícopes de 1 João 4.1-6 concentra esses elementos, justificando sua centralidade argumentativa.

1.1 UNIDADE DE LINGUAGEM DO CORPUS JOANINO

Esta seção aborda a unidade estilística, lexical e teológica do corpus joanino, que abrange tanto o Evangelho quanto as Epístolas. Inicialmente, proceder-se-á à discussão do conceito de “escola joanina”. Subsequentemente, a análise focalizará a continuidade lexical entre as referidas obras, a coerência teológica em torno da temática da encarnação e, por último, as semelhanças e disparidades estilísticas identificadas pelos principais estudiosos desses textos.

A ideia de se trabalhar com o corpus joanino antes de focalizar em 1 Jo 4:1-6 é fundamental para entender o contexto comum do Evangelho e das Epístolas de João, uma vez que estas obras estão presentes dentro de um contexto literário-canônico. A aparente similaridade de linguagem no corpus joanino tem levado estudiosos a sugerirem uma tradição joanina comum como origem destes textos. Por exemplo, Brown diz que “a tradição joanina desenvolveu-se numa escola em que os [seus] autores partilhavam não apenas posições doutrinárias, mas também um estilo literário comum” (Brown, 2011, p. 100). Essa observação destaca a unidade e coesão entre esses textos através de linguagem comum. A implicação básica desta hipótese seria que eles fazem parte

3 O uso do termo “epístolas” aqui segue a convenção tradicional de classificação canônica, embora se reconheça que 1 João não apresente a estrutura formal típica de uma carta. Como discutido adiante (cf. seção 1.1), diversos estudiosos consideram 1 João uma homilia ou tratado teológico de circulação comunitária. No entanto, a terminologia “epístola” é mantida por conveniência e familiaridade acadêmica, sem prejuízo à análise de seu gênero literário específico.

de uma mesma tradição, em vez de materiais independentes, mas seriam expressões interligadas de uma mesma linha teológica e de um pensamento que se entrelaçam para transmitir a mensagem central do cristianismo joanino.

Por exemplo, em uma análise lexical, a similaridade entre os materiais é estatisticamente notável: dos 298 lexemas presentes nas Epístolas, 193 também são encontrados no Evangelho, incluindo termos fundamentais como λόγος (verbo), ἀλήθεια (verdade), μονογενής (unigênito), σωτήρ (salvador) e σάρξ (carne) – todos utilizados em referência a Cristo em ambas as obras (Nascimento, 2016, p. 3). A partir desta evidência textual, acredita-se que tal sobreposição lexical não ocorre por mera coincidência de redações paralelas, mas sim como um reflexo de uma origem comum.

O tema da encarnação também representa de maneira elucidativa essa coerência entre os documentos joaninos presentes no cânon. No Evangelho, o prólogo afirma que “o Verbo se fez carne” (Jo 1.14), constituindo o ponto de partida para a reflexão cristológica proposta por João. Nas Epístolas, o autor enfatiza que “todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (1Jo 4.2) – uma formulação que retoma a mesma terminologia. Conforme a análise de Nascimento, essa utilização do participio perfeito ἐλήλυθεν (“veio”) ressaltaria uma realidade teológica de caráter permanente (Nascimento, 2016, p. 7).

Tecnicamente, a sintaxe do epistolário joanino ressoa com a do Evangelho, apresentando frases curtas, muitas vezes unidas pela conjunção καί (“e”), com poucos verbos compostos e forte repetição de termos-chave (Nascimento, 2016, p. 3). No Evangelho, esse estilo aparece já no prólogo: “e [καί] o Verbo se fez carne, e [καί] habitou entre nós” (Jo 1.14). De modo paralelo, a Primeira Epístola adota o mesmo recurso para realçar sua mensagem central: “E [καί] nós conhecemos e [καί] cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e [καί] aquele que permanece no amor permanece em Deus, e [καί] Deus, nele. (1 Jo 4.16).

A repetição da conjunção *καί*, combinada com um vocabulário conciso e uma sintaxe simples, facilita a memorização e a leitura em voz alta. Isso sugere que, apesar de ser um texto escrito, 1 João foi concebido para ser proclamado oralmente nas comunidades.

Ainda, o estilo literário a partir de considerações críticas de estudiosos modernos também aponta para uma constituição comum do corpus joanino, o que implicaria sua unidade. Dodd chama atenção para o gênero híbrido das Epístolas: embora anônimas, “elas carecem da saudação e bênção típicas das cartas antigas, levando muitos a classificá-las como homilia ou tratado” (Dodd, 1946, p. 18). Na mesma linha, Brown reconhece o tom exortativo e afetivo de 1 João – “filhinhos”, “amados”, “pais” – mas argumenta que tais elementos não tornam inadequada a designação de homilia, pois o autor claramente pretendeu produzir um documento literário completo, com início, desenvolvimento e propósito intencionais (Brown, 2011, p. 100). Portanto, a consistência vocabular, a similaridade temática da encarnação, a configuração sintática homilética e a interação entre homilia e epístola reforçam a ideia de um corpus joanino coeso.

1,2 LINGUAGEM E TEMAS EM 1 JOÃO

Tendo notado pontos de contato textual e temático no corpus joanino como um todo, passa-se agora a notar a linguagem e temas similares presentes em 1 João em si. Esta epístola não se limita a repetir o vocabulário em relação ao quarto Evangelho; em vez disso, ela repete-os, porém, reelaborando seus temas-chave: comunhão, encarnação, Espírito, verdade, amor e o dualismo luz/trevas. Esta seção pretende salientar e comentar os temas de maior proeminência em 1 João.

O tema da comunhão (*κοινωνία*) é apresentada como antídoto à divisão: “se andarmos na luz, mantemos comunhão uns com os

outros” (1 Jo 1.7). Ao falar de comunhão, a definição da expressão “irmãos” no corpus joaniano e ainda mais em 1 João é central. Em 1 João, aqueles que estavam em comunhão com ele e aceitavam sua interpretação do evangelho eram irmãos. Os, digamos, separatistas, por outro lado, tornaram-se “anticristos” (Brown, 2011, p. 136-141) (cf. 1Jo 2.18-22; 4.1-6; 3.4-5).

Dado a importância do tema da *κοινωνία*, Dodd (1946, p. 66) amplia o significado de “κοινωνία” afirmando que “comunhão” é uma “forma simplista e reduzida em significado”, a tradução refere-se a “pessoas que possuem propriedades em comum, sócios ou acionistas de um empreendimento comum”. Ele prossegue dizendo que “o propósito do autor, então, é promover essa comunhão diante de tendências disruptivas” (Dodd, 1946, p. 67), além de estabelecer uma distinção entre a comunidade a quem a carta é dirigida e os “separatistas” que romperam essa “parceria doutrinária”.

O tema da “carne” (σάρξ) em 1 João ressoa com o prólogo do Evangelho “o Verbo se fez carne” (Jo 1.14) e o aprofunda em João 4: “todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (v.2) e contrapõe a “todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não procede de Deus”⁴ (v.3) (Omanson, 2010, p. 530, grifo nosso). Para Bultmann, o tema responde aos que, sob pretexto de experiência espiritual, negavam “a identidade entre o Filho de Deus e o ser humano Jesus” (Bultmann, 2008, p. 471). Dodd (1946, p. 16), por sua vez, identifica nessa negação o traço distintivo dos primeiros “docetistas”, e conclui a relevância do tema dizendo: “as confissões de fé mais simples precisaram ser reafirmadas na forma ‘Jesus Cristo veio em carne’ (1 Jo 4.2) e negar isso é negar o Evangelho

4 Segundo Omanson (2010, p. 530), para fins de tradução, é mais adequado seguir o modelo encontrado nas variantes textuais e repetir as palavras do v. 2, ou seja, *ὁμολογῆι Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα* (confessa Jesus Cristo vindo na carne). Brown (1982, p. 485) prefere a leitura da variante que traduz o texto por <todo aquele que nega a importância de Jesus>. Apesar do significado ser o mesmo, para esta obra, parece mais conveniente o formato de Omanson, apenas substituindo “a Jesus” (v.3) por “que Jesus Cristo veio em carne”.

(v.3)” (Dodd, 1946, p. 26). A epístola, assim, faz da cristologia corporificada o critério decisivo de ortodoxia.

Outro tema de recorrência no material joanino e em 1 João é o “Paráclito” (paraklētōs) (Jo 14.16). A epístola traz: “não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus” (1 Jo 4.1). Soares (2013, p. 76), da mesma forma que Brown e Dodd, enfatizando o texto sempre em relação a seu mundo de origem, destaca que “a comunidade joanina aprendia com o Paráclito por meio da interpretação da tradição transmitida pelo Discípulo Amado” (cf. Jo 14.26). Ainda, Soares (2013, p. 19) enfatiza que a passagem de 1 João 4.1-6 é de destaque, afinal, ela propõe um discernimento espiritual, visando auxiliar os ouvintes na distinção entre o “Espírito da verdade” e o “espírito do engano”. Brown (2020b, p. 1648) explica que o Paráclito é o Espírito da Verdade e é Ele próprio quem dá o discernimento. Posteriormente, o versículo subsequente apresenta o imperativo moral do amor fraterno: “Amados, amemo-nos uns aos outros” (1 Jo 4.7), conectando a perícopē à seguinte por meio do “conhecimento” (cf. 1 Jo 4.2; 6-8; 13).

A implicação básica desta relação espírito e discernimento é uma relação entre doutrina e ética: reconhecer o Espírito da verdade significa não só confessar a encarnação de Cristo, mas também praticar o amor fraterno, pois “mandamento de amar uns aos outros partiu do próprio Jesus (1 Jo 3,23; cf. Jo 13,34-35; 15,12,17)” (Thielman, 2007, p. 777). Desta forma, 1 Jo configura o amor como um critério essencial para a avaliação da autenticidade do Paráclito em contraste com o “espírito do erro”.

Há ainda que se considerar uma relação entre amor e conhecimento como sendo central em 1 João, pois enfatiza que o amor é evidência do entendimento espiritual verdadeiro. Com isso, o tema do amor está inserido no dualismo ético-teológico presente em todo corpus joanino. Kümmel coloca isso de modo taxativo: a “linguagem joanina

caracteriza-se sobretudo por numerosos pares de contrastes” (Kümmel, 2003, p. 325). Ou seja, o leitor encontra uma série de dualismos típicos nestes documentos joaninos, tais como: luz vs. trevas, verdade vs. mentira, amor vs. ódio.

Por exemplo, o contraste entre luz e trevas aparece logo no início da epístola: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1 Jo 1.5-6). A luz está associada à presença de Deus e à prática da verdade; as trevas, ao afastamento e à contradição entre discurso e conduta.

O par verdade e mentira também aparece de forma contundente em 1 João 2.21-22: “Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?”. Aqui, negar a confissão de que Jesus é o Cristo equivale a estar do lado da mentira — oposição central ao argumento da carta.

No contraste entre amor e ódio, o texto diz: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si” (1 Jo 3.15). Ainda: “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso” (1 Jo 4.20). O amor é prova de filiação divina; o ódio, evidência de afastamento da verdade e da comunhão. Brown (2020a, p. 795) conclui que o cristão ideal é apresentado em termos amor através da figura do Discípulo Amado.

Essa estrutura dualística é aplicada para definir os filhos de Deus: aqueles que “andam na luz” (1 Jo 1.7) e amam “de fato e de verdade” (1 Jo 3.18) — em contraposição aos que vivem nas trevas e negam o mandamento do amor (1 Jo 4.20-21). Nascimento enfatiza que “o único pecado específico que o autor [de 1 João] menciona, quando ataca os separatistas e seu descaso em observar os mandamentos, é não amar os irmãos” (Nascimento, 2016, p. 3). Assim, abandonar os irmãos se torna um sinal de ter abandonado a verdade (cf. 1 Jo 2.9-11; 3.11-18; 4.20).

1 João não apenas repete, mas reelabora criativamente os temas presentes no Evangelho de João. Naturalmente, estudiosos de linha histórica-crítica tendem a sugerir que tal uso de linguagem e temas recorrentes em 1 João possuem um caráter de resposta a situações religiosas enfrentadas pelos criadores do material joanino no primeiro século. Dodd entende que a cisão ocasionada pelos “falsos profetas” constitui uma crítica veemente à experiência religiosa que não se alinha com o ensino apostólico (Dodd, 1946, p. 16).

Similarmente, Brown ressalta que tais “falsos profetas” seriam dissidentes da mensagem apostólica e operavam dentro da escola joanina, mas chegaram a conclusões que o autor das epístolas rejeita como adulterações da tradição (BROWN, 2011, p. 112). Conseqüentemente, dentro de uma perspectiva orientada ao autor, ao enfatizar os temas da encarnação verdadeira, a comunhão fiel, o discernimento espiritual, o mandamento do amor e o dualismo luz/trevas, 1 João fornece aos destinatários imediatos da epístola os critérios teológicos e práticos para resistir a falsos ensinamentos, preparando seu leitor para a análise específica de 1 João 4.1-6 como ápice dessa argumentação. Compreender quais eram esses falsos ensinamentos será o objetivo da seção 2. Mas antes disso, resta argumentar o porquê de 1 João 4.1-6 ser o foco desta investigação.

1,3 1 JOÃO 4,1-6 COMO REPOSITÓRIO DA LINGUAGEM TÍPICA DA LITERATURA JOANINA

Este artigo como um todo argumenta que a perícopos de 1 João 4.1-6 sintetiza e exemplifica, de maneira clara e condensada, os elementos centrais da linguagem e da teologia características da literatura joanina como um todo. Nesta seção, será explorado como 1 João 4.1-6 utiliza estrategicamente esses elementos típicos — o dualismo ético-teológico, a importância do discernimento pneumatológico, a centralidade da

confissão cristológica, a oposição entre a comunidade e o mundo, e o tom pastoral e afetivo. Essa exposição pretende servir de base textual e temática para argumentar que 1 João 4.1-6 pode ser lido a partir de uma hermenêutica orientada ao autor, como um confronto diretamente endereçado contra ensinos, como se pensa, “protognósticos”, que ameaçavam a unidade e a integridade doutrinária da comunidade joanina. Desta forma, 1 João 4.1-6 assumiria um papel central não apenas em 1 João, mas também em todo o corpus joanino “para defender a verdade face aos ensinos protognósticos” (Klein, Blomberg, Hubbard, 2017, p. 922).

Em primeiro lugar, 1 João 4.1-6 inicia com o vocativo “amados” (1 Jo 4.1), característico do estilo afetivo do autor (Brown, 1982, p. 489). O texto adverte: “não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus” (1 Jo 4.1). A partir disso, é possível conjecturar que o autor de 1 João, segundo Soares (2013, p. 103), exorta a comunidade a avaliar criticamente as mensagens espirituais. Ainda, há uma crise estabelecida na comunidade receptora da epístola, haja vista que em 1 João 2.19 diz que alguns “saíram do nosso meio”. Aqui, para Dodd (1946, p. 180), a cisão revela que a verdadeira comunhão (κοινωνία) foi quebrada e implica em que a verdadeira comunhão seria “aderir lealmente e com entendimento à tradição autêntica dos apóstolos”. O texto pode ser lido com tom pastoral, chamando a comunidade à vigilância para preservar a fé e a unidade.

Em segundo lugar, 1 João estabelece um critério doutrinário básico para caracterizar a comunidade receptora do texto que é a confissão de que Jesus Cristo veio em carne (1 Jo 4.2-3). Esta confissão ressalta claramente a cristologia do Evangelho (Jo 1.14). Com isso em mente, Brown (1982, p. 505) afirma que os adversários do autor de 1 João se recusavam a confessar “Cristo veio em carne” e isso implicaria em uma cristologia que anulava a importância da encarnação de Jesus para aqueles que quebraram a comunhão da comunidade, comunhão tão necessária para 1 João.

O tema da cristologia, portanto, se torna significativo ao ler 1 João 4:1-6. Yamauchi (1982, p. 7) destaca que esta passagem seria uma das mais claras refutações ao docetismo. Assim, aqueles que negam a verdade da encarnação de Cristo passam a ser associados ao anticristo (1 Jo 4.3), o que sinaliza a gravidade desta visão.

Em terceiro lugar, o texto desenvolve outros dois grandes dualismos joaninos conforme visto anteriormente: “Eles procedem do mundo (...) nós somos de Deus” (1Jo 4.5-6). Bultmann observa que no pensamento joanino, “o mundo rejeita a verdade e, ao fazê-lo, transforma a criação em ilusão” (Bultmann, 2008, p. 456). Essa oposição entre Deus e mundo, verdade e erro, fundamenta o critério pelo qual a comunidade pode reconhecer o ensino autêntico e sua procedência.

Por fim, a expressão “nisto conhecemos o Espírito da verdade e o espírito do erro” (1 Jo 4.6) funciona como conclusão e chave interpretativa da perícopé. Segundo Soares (2013, p. 135), “a doutrina sobre o Espírito Santo influencia diretamente o espírito humano e sua conduta ética”. Esta doutrina fundamenta-se na vivência do amor e da justiça dentro da comunidade de fé.

Esses elementos indicam que 1 João 4:1-6 ocupa uma posição estratégica na epístola. A articulação entre confissão cristológica, discernimento espiritual e contraste ético oferece subsídios importantes para a próxima etapa da pesquisa: compreender, com base nesses critérios internos, quem poderiam ser os falsos ensinadores mencionados pelo autor.

2 PROTOGNOSTICISMO E SEMIDOCETISMO COMO HIPÓTESE DO MUNDO POR TRÁS DO TEXTO

Nesta seção, analisa-se o contexto histórico-religioso por trás de 1 João 4.1-6, investigando a possível influência de doutrinas protognósticas e semidocéticas que estariam interagindo com o texto. Com base em fontes patrísticas e perspectivas acadêmicas modernas, esta seção examinará em primeiro lugar o testemunho patrístico e, em seguida, interpretações modernas, culminando na sugestão de que a figura de Cerinto, cujas ideias parecem refletir as controvérsias cristológicas combatidas pela epístola, oferece uma hipótese para representar o plausível interlocutor ideal visado pelo autor de 1 João na composição da epístola.

2.1 FONTES PATRÍSTICAS

Para tentar reconstruir o mundo por trás do texto de 1 João 4:1-6, é interessante acessar algumas opiniões em fontes patrísticas. Embora alguns estudiosos histórico-críticos tendem a não dar tanto valor a estas fontes na elaboração de suas hipóteses, elas constituem um material de valor histórico plausível como testemunhos de cristãos que estavam algumas décadas ou séculos adiante do primeiro século, onde a maioria dos documentos do NT tiveram sua origem. Portanto, há uma proximidade histórica maior entre as fontes patrísticas e o NT do que as fontes modernas. Esses testemunhos permitem uma leitura em que o autor joanino estaria reagindo a ensinamentos de caráter protognóstico e semidocético, representados historicamente por Cerinto (c. 50-100 d.C.).

Em primeiro lugar, Irineu de Lião (c. 130–202 d.C.) em *Contra as Heresias* descreve Cerinto como defensor de uma cristologia dividida entre um Jesus puramente humano e um Cristo celestial que desceu sobre Jesus apenas durante o batismo e o abandonou antes da crucificação. Segundo Irineu:

Jesus, segundo Cerinto, não nasceu da Virgem, porque isto lhe parecia impossível, mas foi filho de José e de Maria de maneira semelhante à dos outros homens e sobressaiu entre todos pela santidade, prudência e sabedoria. Depois do batismo desceu sobre ele, daquela Potência que está acima de todas as coisas, o Cristo, na forma de pomba, e desde então começou a anunciar o Pai incógnito e a fazer milagres. Finalmente o Cristo saiu de Jesus, voltou para o alto e Jesus sofreu e ressuscitou, enquanto o Cristo permanecia impassível (Irineu, 2000, p. 78).

Essa cristologia é também conhecida como da união transitória e reflete por analogia o problema contra o qual o autor de 1 João adverte em 4.2-3, ao definir como “espírito do erro” quem não confessa que Jesus Cristo veio em carne.

Em segundo lugar, embora não nomeie Cerinto, Inácio de Antioquia (c. 35-110 d.C.) e Policarpo de Esmirna (c. 69-155 d.C.), ambos anteriores a Irineu, ligados à tradição joanina, combateram o docetismo cerintiano (Holmes, 2006, p. 168) que negava o sofrer corporal de Cristo. Inácio, em sua carta aos Esmirniotas (Padres Apostólicos, 1995, p. 23), argumenta que Cristo “sofreu realmente, assim como ressuscitou verdadeiramente” e rejeita categoricamente os que afirmam que “ele sofreu apenas em aparência”. Inácio, em sua carta aos Tralianos (Padres Apostólicos, 1995, p. 74), relata sobre “alguns ateus” que afirmam que Jesus sofreu apenas “aparentemente”, e afirma categoricamente que Jesus “verdadeiramente nasceu”, “foi verdadeiramente crucificado” e “realmente ressuscitou dos mortos”. Desta forma, Inácio “previne contra as teorias docéticas que aparentemente circulavam entre os cristãos daquela região” (Gonzalez, 2020, p. 41).

De modo semelhante a Inácio, Policarpo de Esmirna, em sua carta aos Filipenses cap. VII, alerta: “Todo aquele que não confessa que Jesus Cristo veio em carne é anticristo” (Policarpo de Esmirna, 2021, p. 3). Dentro disso, para ilustrar não apenas a hostilidade pessoal de João, mas também a gravidade com que as comunidades apostólicas encaravam as ideias semidocéticas de Cerinto, Eusébio de Cesareia (c. 260-339 d.C.) preserva uma tradição conferida a Policarpo ao citar Irineu:

Irineu, (...) fornece em seu terceiro livro uma história que merece registro, conforme recebida pela tradição de Policarpo. Ele diz que o apóstolo João certa vez entrou num banho para se lavar; mas ao saber que Cerinto ali estava, saltou do lugar e correu pela porta, não suportando estar sob o mesmo teto que ele, e exortou os que estavam com ele a fazer o mesmo, dizendo: ‘Fujamos para que o banho não caia sobre nós, já que Cerinto, aquele inimigo da verdade, está lá dentro’ (Cesareia, 2009, p. 119, grifo nosso).

Essa tradição de um encontro entre Cerinto e João atribuída a Policarpo ilustra não apenas a hostilidade pessoal de João, mas também a gravidade com que as comunidades apostólicas encaravam as ideias semidocéticas de Cerinto.

Essas formulações ecoam diretamente o critério cristológico de 1 Jo 4.2 e reforçam a ideia de que o autor de 1 João já havia identificado ensinamentos docetistas como “espíritos do erro”. Esses testemunhos patrísticos não afirmam de maneira categórica que 1 João se dirige a Cerinto em particular, mas delineiam o tipo de ensinamento – protognóstico e semidocético – que pode ter motivado as exortações de 1 João 4:1-6. Assim, a tradição dos pais da igreja oferece elementos interessantes para sugerir que o mundo por trás do texto de 1 João, de modo geral, e 1 Jo 4, em particular, poderia estar apresentando uma situação em que a fé na encarnação e no sofrimento real de Cristo já estava sendo contestada por correntes heterodoxas, às quais o autor de 1 João procurou responder.

2.2 PERSPECTIVAS MODERNAS

Estudiosos modernos enfatizam que os desafios cristológicos presentes em 1 João provavelmente tiveram origem em movimentos protognósticos e semidocéticos já existentes no final do primeiro século.

Em primeiro lugar, é plausível que o gnosticismo, com base em estudos da história da religião, ou uma forma anterior a ele, já estava de fato presente no primeiro século. Douglas (1966, p. 834) afirma que “o termo gnosticismo é por senso comum aplicado a certas heresias surgidas no seio do cristianismo”. Contudo, vale ressaltar que a gnose não era uma crença exclusivamente cristã herética, pois “a gnose existiu antes e fora do cristianismo” (Klauck, 2000 citado por Santos, 2013, p. 18).

Segundo Jonas, o gnosticismo é um “fenômeno religioso no mundo helenista” resultante da fusão da cultura grega e religião oriental (Jonas, citado por Elwell, 1990, p. 203). Ladd afirma que um sincretismo entre a filosofia helenística popular e o misticismo oriental originou um tipo de religião protognóstica pré-cristã (Ladd, 1985, p. 203). Kelly nos faz considerar o gnosticismo como uma tendência mais antiga que o cristianismo (Kelly, 1993, p. 17). Jonas (2001, p. 31) explica que o surgimento da “seita” cristã não foi isolado, pois “a Palestina fervilhava de movimentos escatológicos”, com alternativas salvíficas diversas. Assim, o cristianismo surgiu em um contexto específico de tempo e lugar, marcado pela busca por um conhecimento que conduzisse à salvação, o que pode ter sido um dos motivos que atraíram pessoas ou ideias associadas a algum tipo de gnose. Jonas ainda afirma que a agitação espiritual do cristianismo fez brotar “numerosas seitas gnósticas” durante a expansão cristã (Jonas, 2001, p. 31) indicando que o gnosticismo já existia, embora em sua forma primitiva, no início da era cristã.

Em segundo lugar, eruditos do NT do século XX sugerem que as epístolas joaninas representam de modo direto uma reação contra pensadores que negavam a encarnação de Cristo. Bultmann (2008, p. 472), 1 João

destaca a realidade do Verbo feito carne para combater “falsos mestres, gnósticos cristãos que negam a identidade entre o Filho de Deus e Jesus” (Bultmann, 2008, p. 471). Bruce (1983, p. 59) concorda, ressaltando que “nenhuma declaração teria sido tão intransigentemente antidocética quanto ‘o Verbo se fez carne’”. A afirmação de que “todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus” (1 Jo 4.3) seria, portanto, uma polêmica direta contra a negação da humanidade de Jesus.

Não apenas para Bultmann, mas para Dodd, a “negação da realidade da encarnação” e uma “ética espiritualizada, separada do amor concreto” destacam os oponentes de João (Dodd, 1946, p. 128). Ele conclui que “os erros desta epístola estão associados à tendência religiosa da época” com vestimenta “quase cristã”, como ‘gnosticismo’” (Dodd, 1946, p. 17). Na mesma linha, Kümmel reforça, citando diretamente o gnosticismo como contexto de 1 João, dizendo que “a união de judaísmo heterodoxo e uma doutrina de redenção gnóstica existiu já no século I” (Kümmel, 2003, p. 326). Especificamente sobre 1 João, Kümmel esclarece que a passagem de 1 João 5.6 citaria explicitamente “água e sangue como indícios da vinda de Jesus” justamente para “repelir uma heresia gnóstica” (Kümmel, 2003, p. 376).

Em terceiro lugar, na tentativa de ser objetivamente histórico seguindo estudos da religiosidade do primeiro século (por vezes chamado de estudo do cristianismo primitivo), e ao mesmo tempo concordando com os estudos típicos do século XX conforme listado anteriormente, Brown e Bruce sugerem que os pensadores gnósticos por trás de 1 João seriam desertores da mensagem joanina. De um lado, Bruce destaca que os separatistas de 1 João se assemelhavam à vertente docética do gnosticismo, que negava que Jesus Cristo tivesse “vindo em carne” (1 Jo 4.2) (Bruce, 1970, p. 25). Ele concorda que a posição desses adversários se aproximava do semidocetismo, reconhecendo a humanidade física de Jesus, mas negando que o Cristo celestial tenha realmente sofrido na cruz. Cerinto é mencionado como exemplo dessa cristologia separacionista, afirmando:

Uma variedade especial de docetismo está associada ao nome de Cerinto, (...) propôs uma nova cristologia. Ele distinguiu o homem Jesus (...) do 'Cristo', que desceu sobre Jesus na forma de uma pomba após Seu batismo, capacitando-o a realizar milagres e proclamar 'o Pai desconhecido', mas que o abandonou antes de Sua morte, de modo que Jesus sofreu e ressuscitou, enquanto o Cristo permaneceu imune ao sofrimento, visto que era um ser espiritual (Bruce, 1970, p. 13).

Bruce (1970, p. 67), porém, entende que estes separatistas saem de um grupo vinculado diretamente ao apóstolo João, patrono da comunidade joanina e escritor do Evangelho e das epístolas. Por outro lado, Brown sugere que os opositores em 1 João eram membros que deixaram a comunidade joanina, reinterpretando tradições e focando excessivamente em aspectos espirituais do evangelho. Para ele, essa visão era um exagero dos cristãos joaninos sobre certos aspectos do quarto evangelho (Brown, 1997, p. 528), influenciada por uma mentalidade dualista da cultura helenista do primeiro século. Como consequência, quando Brown fala de uma comunidade joanina, ele não se refere a um grupo de pessoas associadas diretamente ao apóstolo João, como Bruce, mas a um grupo possivelmente derivado da influência de João, mas já com características próprias do final do primeiro século em direção à metade do segundo.

Complementarmente, Keener, por sua vez, reforça essa visão interna e integradora ao afirmar categoricamente que “é indiscutível” que os separatistas eram originalmente pessoas que pertenciam à própria comunidade joanina (Keener, 2004, p. 756). Essa sugestão de Keener sustentaria tanto Bruce quanto Brown na medida em que confirmaria a possibilidade de pensar sobre um provável caráter interno da controvérsia.

Portanto, Bruce, Brown e Keener apontam não para uma religiosidade separada dos cristãos joaninos, mas inerente a eles. Não obstante, a comunidade joanina se posiciona como sendo antidocética como

em 1 João 4.2 e 2 João 2.7. Brooke, ao considerar a hipótese de que “o ensinamento original de Cerinto era que o Espírito desceu sobre Jesus no Batismo (...) e o deixou antes da Paixão” (Brooke, 1912, p. 49), conclui:

Podemos então concluir com segurança que, embora outras formas de ensino falso sejam abordadas nas Epístolas, o escritor tem especialmente em vista o ensinamento de algum oponente cujas visões eram, de qualquer forma, muito semelhantes às de Cerinto, até onde podemos agora determiná-las (Brooke, 1912, p. 49).

Em concordância com Brooke, Yamauchi (1982, p. 7) observa que 1 João não combate um docetismo “puro”, ou “completo”, mas um semidocetismo, semelhante ao de Cerinto, que afirmava que Cristo habitou Jesus humano apenas entre o batismo e a crucificação (Yamauchi, 1982, p. 8).

De fato, ao comparar diretamente a visão semidocética sugerida por Yamauchi e Brooke com a cristologia atribuída a Cerinto por Irineu (2000, p. 78), percebe-se claramente uma similaridade fundamental: ambos sustentam a distinção temporária entre o Jesus histórico e o Cristo celestial. Enquanto um docetismo “puro” negaria completamente a realidade física da encarnação, o semidocetismo cerintiano reconhece a existência histórica do homem Jesus, porém nega que sua humanidade estivesse permanentemente associada à divindade. Essa ideia, presente em Cerinto, é exatamente o que Yamauchi entende estar em jogo em 1 João, indicando que os adversários do autor joanino provavelmente compartilhavam uma visão semelhante à cerintiana.

As perspectivas interpretativas modernas reforçam a hipótese de que a comunidade joanina enfrentava tendências protognósticas e semidocéticas, com dualismos e negação da encarnação. Embora não sejam ainda o gnosticismo pleno do século II, essas correntes no contexto histórico-teológico de 1 João ajudam a explicar a linguagem e as afirmações da epístola.

2.3 A FIGURA DE CERINTO COMO PROVÁVEL INTERLOCUTOR JOANINO

Uma análise do contexto histórico de 1 João 4.1-6 sugere que as ideias básicas que 1 João estaria interagindo combina com as ideias básicas de Cerinto. Desta forma, sugere-se que esta figura, representativamente, personifique bem o perfil dos plausíveis adversários joaninos. Conforme Kok, a tradição sobre Cerinto e João tem núcleo histórico significativo e Cerinto representa bem as ideias cristológicas contestadas na comunidade joanina (Kok, 2021, p. 5).

Em primeiro lugar, Cerinto representa bem o guarda-chuva do gnosticismo e docetismo do primeiro século. O termo “gnosticismo” vem da palavra grega “gnosis”, que quer dizer “conhecimento” (González, 2011, p. 64). O Gnosticismo, fenômeno multifacetado do mundo helenístico (Jonas, 2001, p. 31-47), caracterizava-se por um dualismo que opunha o Deus supremo ao criador do mundo material, depreciado, e promovia a salvação por um conhecimento (γνώσις) revelado (Pagels, 1979, p. 15-19; Neves, 2011, p. 109), ao invés da fé simples ou graça disponível a todos (Wapnick, 2009, p. 13). Dentro desse espectro, o Docetismo negava a realidade da humanidade e do sofrimento de Cristo (δοκεῖν – parecer), por considerá-los incompatíveis com a divindade (Yamauchi, 1982, p. 3-5). Embora o Gnosticismo tenha florescido no século II, formas incipientes (“protognósticas”) já circulavam no final do século I (Dodd, 1946, p. 17; Kümmel, 2003, p. 326), contexto em que Bultmann (2008, p. 471) situa a polêmica de 1 João contra “gnósticos cristãos”, como já discutido na seção anterior.

Com base em Irineu de Lião (2000, p. 78), Cerinto ensinava que Jesus era um homem comum sobre quem o Cristo celestial desceu no batismo, abandonando-o antes da crucificação para permanecer impassível. Esta doutrina de “união transitória” é ilustrada pela tradição do já mencionado encontro hostil entre João e Cerinto (Cesareia, 2009, p. 119), sinalizando a gravidade da ameaça percebida.

Em segundo lugar, mais especificamente, Cerinto pode ser categorizado junto a uma forma de “semidocetismo” (Yamauchi, 1982, p. 8; Kok, 2019, p. 39-41). Essa vertente qualifica precisamente a posição cerintiana: reconhece-se um Jesus humano e histórico, mas nega-se a união permanente com o Cristo divino, especialmente no sofrimento. Assim, o ensino de Cerinto alinha-se com o semidocetismo ao afirmar um Jesus meramente humano que teve uma associação temporária com um Cristo celestial, que não compartilhou de sua paixão. Esta visão compromete a unidade da pessoa de Cristo e o valor soteriológico de seu sofrimento, pontos cruciais para a cristologia joanina que insiste em “Jesus Cristo vindo em carne” (1 Jo 4.2) como uma realidade permanente (ἐληλυθότα). Como Brown (1982, p. 505) e Bruce (1970, p. 25, 71) observam, tal negação esvaziava a importância da encarnação.

Esta seção investigou o contexto histórico-religioso de 1 João explorando a possível influência de doutrina protognósticas e semidocéticas como pano de fundo para as controvérsias cristológicas de 1 João. Sem pretensão de afirmar categoricamente que Cerinto foi o modelo representativo mais específico visado pelo autor joanino, a análise das fontes patrísticas e perspectivas modernas sugerem que a figura de Cerinto e suas ideias, particularmente o semidocetismo, funcionam como um modelo representativo que serve eficazmente ao propósito de linear o mundo por trás do texto. Ao cumprir este objetivo nesta seção, este estudo estabelece a base para a próxima seção.

3 UMA LEITURA DE 1 JOÃO 4:1-6 COMO UMA REAÇÃO AO PROTOGNOSTICISMO E O SEMIDOCETISMO

Tendo a seção anterior estabelecido a plausibilidade do semidocetismo, com Cerinto como um expoente paradigmático, como configurando o pano de fundo da crise enfrentada pela comunidade joanina, esta seção se dedicará a uma análise de 1 João 4.1-6. O propósito é demonstrar como esta perícopes crucial articula a resposta de João ao que será chamado a partir de agora como “ameaça cerintiana” refutando suas premissas cristológicas e busca fortalecer a identidade eclesial da comunidade a quem João endereça seus escritos. A leitura aqui proposta parte do pressuposto de que as afirmações teológicas do autor de 1 João são influenciadas e endereçadas em direta oposição ao que ele considera como um desvio da cristologia correta.

3.1 A EXORTAÇÃO AO DISCERNIMENTO E A REFUTAÇÃO DA CRISTOLOGIA CERINTIANA (1 JO 4.1-3)

A perícopes é introduzida com uma afetuosa, Ἀγαπητοί, porém, é seguida de um tom urgente como em uma exortação pastoral: “μὴ παντὶ πνεύματι πιστεύετε, ἀλλὰ δοκιμάζετε τὰ πνεύματα εἰ ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστίν, ὅτι πολλοὶ ψευδοπροφήται ἐξεληλύθασιν εἰς τὸν κόσμον” (1 Jo 4:1). O autor de 1 João usa o termo “amados” para reforçar a identidade da comunidade e motivá-la, através do afeto, a se engajar na difícil tarefa do discernimento. A advertência que vem a seguir é séria, mas, considerada em conjunto com o apelo inicial, reflete que a base da identidade da comunidade está

no amor que os une, tornando o perigo dos espíritos que não confessam que Jesus veio em carne, que serão considerados “falsos profetas” no v.4, que são uma ameaça direta a esse mesmo “bem comum” (Brooke, 1912, p. 106-107; Brown, 1982, p. 489).

A ordem para “provar os espíritos” (δοκιμάζετε τὰ πνεύματα) no v.1 é justificada pela proliferação de «falsos profetas» (πολλοὶ ψευδοπροφήται) no v.4, cuja «saída» (ἐξεληλύθασιν) pode aludir aos dissidentes mencionados em 1 João 2:19, que, como o modelo de Cerinto, propagavam uma interpretação alternativa de Cristo. O critério fundamental para este discernimento está no v.2a: “Nisto reconheceis o Espírito de Deus” (ἐκ τούτου γινώσκομεν τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης) (1 Jo 4.2a).

O cerne da resposta joanina à ameaça cerintiana encontra-se nos versículos 2b e 3: “(...) πᾶν πνεῦμα ὃ ὁμολογεῖ Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστιν, καὶ πᾶν πνεῦμα ὃ μὴ ὁμολογεῖ τὸν Ἰησοῦν ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἔστιν· καὶ τοῦτό ἐστιν τὸ τοῦ ἀντιχρίστου, ὃ ἀκηκόατε ὅτι ἔρχεται (...)” (1 Jo 4.2b-3). A confissão central é “Jesus Cristo vindo em carne” (Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα). Cada termo aqui é carregado de significado que pode ser tomado como uma tentativa de interagir com a ameaça cerintiana.

Primeiramente, Ἰησοῦν Χριστὸν (Jesus Cristo): A união dos nomes “Jesus” e “Cristo” em uma única pessoa que “veio em carne” pode indicar uma suposta contraparte de qualquer doutrina que separava a divindade de Jesus e a humanidade de Cristo. Isso é semelhante ao semidocetismo cerintiano, que separava o homem Jesus do Cristo celestial, afirmando que o Cristo desceu sobre Jesus apenas temporariamente (Ladd, 1985, p. 565). Com isso, 1 João insiste na identidade una do Jesus histórico e do Cristo divino. Apesar de que “o ‘docetismo puro’ é anterior à ‘separação dualística’ do tipo atribuído a Cerinto” (Broke, 1912, p. 76), a afirmação Ἰησοῦν Χριστὸν, serve bem como uma possível contestação do semidocetismo, diferente do docetismo puro que não faz essa distinção, pois nega completamente a encarnação de Cristo.

Em segundo lugar, a expressão ἐν σαρκί (em carne) funciona em oposição a suposta hipótese de que Jesus teria um corpo fantasmagórico, ou apenas aparente, como ensinado pelo docetismo puro. A implicação básica deste termo seria a confissão de uma cristologia diferente daquela do semidocetismo cerintiano: aquela que dissociava o divino do sofrimento humano, onde o Cristo divino se retira para evitar a paixão, deixando o homem Jesus sofrer sozinho. Assim, o termo σάρξ (sarx) aqui denota a totalidade da condição humana vulnerável da qual Jesus Cristo compartilhou. Como explica Brown (1982, p. 496), os interlocutores de 1 João negavam “que o Filho de Deus realmente se tornou homem e esteve sujeito às fraquezas da carne, incluindo o sofrimento e a morte”. Em contraste, a confissão joanina de que “Jesus Cristo” veio e permanece (ἐληλυθότα) «em carne» assegura a «unidade inseparável entre a figura histórica e humana de Jesus e o Cristo, Filho de Deus» (Dodd, 1946, p. 107-109), tornando a paixão um evento do próprio Cristo encarnado.

Em terceiro lugar, ἐληλυθότα (vindo), um particípio perfeito, é crucial ao denotar, não apenas um evento passado, mas um estado contínuo, uma vinda que resultou em uma presença permanente na carne. Isso estaria em oposição a alegação cerintiana de que o Cristo partiu de Jesus antes da crucificação, permanecendo impassível. Para João, o Cristo não apenas veio em carne, mas permaneceu em carne, incluindo a realidade de seu sofrimento e morte (Nascimento, 2016, p.7; Brown, 1982, p.505).

Assim, a confissão exigida em 1 Jo 4 pode ser lida, em sua interação com a ameaça cerintiana, como uma refutação do semidocetismo cerintiano. Pois, esta confissão afirma a unidade de Jesus e Cristo, a realidade de sua encarnação e a permanência dessa condição encarnada através de toda a sua vida terrena, incluindo a paixão. Negar esta confissão, como representada nas ideias cerintianas, ao separar o Cristo sofredor do Jesus humano, seria, de acordo com o v.3, manifestar “o espírito do anticristo”.

3.2 A IDENTIDADE ECLESIAL EM CONTRASTE COM A AMEAÇA CERINTIANA (1 JO 4.4-6a)

A argumentação de 1 Jo 4 prossegue nos v.4-6a reforçando a identidade da comunidade fiel: “Ὑμεῖς ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστε, τεκνία, καὶ νενικήκατε αὐτούς, ὅτι μείζων ἐστὶν ὁ ἐν ὑμῖν ἢ ὁ ἐν τῷ κόσμῳ. αὐτοὶ ἐκ τοῦ κόσμου εἰσὶν· διὰ τοῦτο ἐκ τοῦ κόσμου λαλοῦσιν καὶ ὁ κόσμος αὐτῶν ἀκούει” (1 Jo 4:4-5).

O dualismo característico da literatura joanina como comentado na primeira seção deste artigo é aqui aplicado em forma de um contraste a fim de atender um propósito específico. O contraste “vós sois de Deus” (Ὑμεῖς ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστε) versus “eles são do mundo” (αὐτοὶ ἐκ τοῦ κόσμου εἰσὶν) adquire uma conotação contrária à ameaça cerintiana ao enquadrar a doutrina dos falsos profetas como originária não de Deus, mas “do mundo”. O “mundo” (κόσμος), no pensamento joanino, é frequentemente a esfera da humanidade que, em sua própria sabedoria, se opõe à revelação de Deus porque “o mundo rejeita a verdade” (Bultmann, 2008, p. 456).

É nesse sentido que a cristologia dos oponentes de 1 Jo 4 é “mundana”. Conforme Brown, uma mensagem como a deles, que nega um Cristo plenamente encarnado e sofrido, “é mais agradável aos ouvidos do mundo porque elimina o escândalo de um Deus que se fez carne e morreu numa cruz” (Brown, 1982, p. 508). Portanto, este tipo de ensino como o de Cerinto, ao retirar o Cristo divino da sua encarnação e sofrimento, alinha-se a pressupostos filosóficos mais palatáveis ao “mundo” — como a impassibilidade divina helenística — e rejeita o assunto central da fé.

Assim, a acusação de “falar como quem é do mundo” (v. 5) é uma crítica teológica profunda: rotula a cristologia dos adversários como uma

sabedoria humana que se recusa a aceitar o paradoxo do evangelho do Deus encarnado e crucificado. Se essa questão é tomada em conjunto com a hipótese de que os interlocutores de 1 João seriam, na verdade, dissidentes da própria comunidade joanina, então o texto se torna ainda mais contundente: essas pessoas pensavam ter sabedoria divina, mas ao rejeitar a encarnação plena de Cristo, demonstram que são mundanos.

3.3 O CRITÉRIO FINAL DE DISCERNIMENTO E A RESPOSTA PASTORAL (1 JO 4.6b)

A perícopé conclui com um critério de discernimento ancorado na tradição apostólica: “ἡμεῖς ἐκ τοῦ θεοῦ ἐσμεν· ὁ γινώσκων τὸν θεὸν ἀκούει ἡμῶν, ὃς οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἀκούει ἡμῶν. ἐκ τούτου γινώσκομεν τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης.” (1 Jo 4:6).

O “nós” (ἡμεῖς) aqui se refere aos portadores autorizados da percepção sobre Jesus como humano-Deus. A aceitação ou rejeição deste testemunho – que inclui a confissão cristológica do v.2 – torna-se o testar os espíritos (δοκιμάζετε τὰ πνεύματα, v.1). Esse teste tem como finalidade, portanto, de acordo com o v.6b, para distinguir o «espírito da verdade» do «espírito do erro» (τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης).

Para o autor de 1 João, “o critério mais seguro era a confissão da encarnação, ou melhor, do Cristo encarnado” (Brooke, 1912, p. 106). A tradição da hostilidade de João Apóstolo para com Cerinto em Éfeso (Eusébio, 2009, p. 119) ilustra a incompatibilidade percebida entre o ensino apostólico e a doutrina cerintiana como uma ameaça. A estratégia de 1 João, que é fundamentalmente pastoral, portanto, é vincular o verdadeiro conhecimento de Deus ao reconhecimento da mensagem apostólica sobre Jesus Cristo, plenamente encarnado

e permanentemente unido à sua humanidade, em oposição a especulações como as de Cerinto que fragmentavam essa unidade.

Finalmente, esta seção, em conjunto com as demais, propõe que o autor de 1 João utiliza a exortação ao discernimento e a afirmação da encarnação de Cristo para combater contrastivamente as ameaças protognósticas e semidocéticas representadas por figuras como Cerinto. A análise aqui apresentada de 1 Jo 4:1-6 sugeriu que 1 João refuta as premissas cristológicas dessas correntes, ao mesmo tempo que reforça a identidade eclesial da comunidade de fé, fundamentando-a na tradição apostólica e na confissão da realidade da encarnação. Essa abordagem de 1 João combina tanto cuidado pastoral quanto consciência teológica ao destacar a gravidade da crise enfrentada e a urgência de uma fé que preserva a união entre a humanidade de Cristo e a divindade de Jesus. É possível argumentar, portanto, a partir de 1 Jo 4:1-6 que qualquer tentativa de fragmentar ou negar a encarnação deve ser rejeitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que este trabalho buscou responder foi: qual o significado de 1 João 4:1-6 à luz de seu contexto histórico subjacente? A investigação demonstrou que o significado desta perícope transcende uma simples exortação, revelando-se como uma precisa e multifacetada resposta teológica à ameaça do semidocetismo protognóstico, cujo arquétipo mais plausível para o contexto joanino é a figura de Cerinto – figura esta relatada em textos antigos. A análise revelou que o autor de 1 João estava engajado pela integridade da fé, utilizando a linguagem como um instrumento pedagógico e em prol da coesão comunitária.

O percurso metodológico partiu da observação da “forma final” do corpus joanino na primeira seção do artigo, onde foram identificados os vocabulários comuns, o estilo de linguagem e os temas teológicos

que constituem uma “gramática” típica destes documentos. Em seguida, o trabalho realizou uma sugestão sobre o provável contexto histórico, na segunda seção, reconstruindo, com base em fontes patrísticas e na pesquisa moderna, o perfil da heresia semidocética. Na terceira seção, foi oferecido uma leitura sintética e ilustrativa da perícopes demonstrando a profunda e intencional interação entre o texto e o seu contexto de origem.

Um dos resultados mais expressivos desta investigação foi a descoberta de que a confissão joanina “Jesus Cristo vindo em carne” (1 Jo 4:3) é uma fórmula polêmica de notável precisão interagindo até certo e contraponto uma doutrina de um grupo separatista no mundo por trás do texto. As implicações deste texto, quando interpretado como uma resposta ao que foi chamado aqui de “ameaça cerintiana”, são cruciais para as próximas gerações que recebem 1 Jo 4:1-6 como Escritura. Ao traçar uma linha indelével contra uma das primeiras e mais sofisticadas ameaças à sua mensagem, o autor de 1 João não apenas resolveu uma crise local, mas ajudou a forjar as fronteiras da fé ortodoxa. Ele garantiu que o cristianismo não se dissolveria em uma filosofia abstrata, mas permaneceria uma fé ancorada na historicidade e na plena realidade da encarnação de Jesus Cristo. Assim, a relevância deste estudo transcende a antiguidade: o critério joanino — que une confissão doutrinária (ortodoxia) e prática do amor (ortopraxia) — permanece, assim, um paradigma para o discernimento teológico e a vida eclesial em qualquer época.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA sagrada: Revista e Atualizada. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BROWN, Raymond E. A Comunidade do Discípulo amado. São Paulo: Paulus, 2011.

BROWN, Raymond E. **An Introduction to the New Testament**. New Haven: Yale University Press, 1997.

BROWN, Raymond E. **Comentário ao evangelho segundo João**. Volume 1 (1-12): introdução, tradução e notas. Tradução de Valter Graciano Martins. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020a.

BROWN, Raymond E. **Comentário ao evangelho segundo João**. Volume 2 (13-21): introdução, tradução e notas. Tradução de Valter Graciano Martins. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020b.

BROWN, Raymond E. **The Epistles of John**. (The Anchor Bible, v. 30). Garden City, NY: Doubleday, 1982.

BROOKE, A. E. **A critical and exegetical commentary on the Johannine Epistles**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1912.

BRUCE, F. F. **The Epistles of John**: Introduction, Exposition, Notes. Eerdmans Publishing Company, 1970.

BRUCE, F. F. **The Gospel of John**: Introduction, Exposition, Notes. Eerdmans Publishing Company, 1983.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Revisão de Nélio Schneider. Santo André: Editora Academia Cristã, 2008.

CESAREIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. Tradução de Arnaldo Schüler. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2009.

DODD, C. H. **The Johannine Epistles**. New York: Harper & Row Publishers, 1946.

DOUGLAS, J. D. (Ed.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. Volume II. 2. ed. Tradução de R. P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, Junta Editorial Cristã, 1966.

ELWELL, Walter A. (Ed.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Volume II: E-M. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990.

GONZÁLEZ, Justo L. **História da Literatura Cristã Antiga**. Tradução de Heber Rodrigues de Souza. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2020.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. Tradução de Hans Udo Fuchs, Key Yuasa. 2. ed. rev. com roteiro de leitura. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HOLMES, Michael W. (Ed.). **The Apostolic Fathers in English**. 3rd ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2006

IRINEU de Lyon. **Contra as Heresias**. São Vicente/SE: Clube de Autores, 2000.

JONAS, Hans. **The Gnostic Religion: The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity**. 3ª ed. Boston: Beacon Press, 2001.

KEENER, Craig S. **Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento**. Tradução de José Gabriel Said. Belo Horizonte: Editora Atos, 2004.

KELLY, J. N. D. **Doutrinas Centrais da Fé Cristã: Origem e Desenvolvimento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1993

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD Jr., Robert L. **Introdução à Interpretação Bíblica**. Tradução de Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KOK, Michael. **Cerinthus**. In: CROSSLEY, James; LOCKHART, Alastair (eds.). *Critical Dictionary of Apocalyptic and Millenarian Movements*. 15 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cdamm.org/articles/cerinthus>. Acesso em: 29 mar. 2025.

KOK, Michael. **Classifying Cerinthus's Christology**. *Journal of Early Christian History*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 30-48, maio 2019. Routledge.

Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2222582X.2018.1564348>.
Acesso em: 2 abr. 2025.

KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese Teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais**: Jesus, Paulo, João. Tradução de Sílvio Schneider e Werner Fuchs. Revisão e atualização de Reginaldo Gomes de Araújo. 4ª ed., revista e atualizada. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marin-dirk Pinto Simões Arias. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.

NASCIMENTO, Douglas Galdino do. **A compreensão da comunidade joanina em Raymond E. Brown**. 2016. 17 f. Publicação Acadêmica – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.25954>. Acesso em: 25 abr. 2025.

NEVES, Joaquim Carreira das. **Gnosis – Gnosticismo**. Uma Introdução. Universidade Católica Portuguesa, 2011. Publicado na Revista Narrações e Mediação, nº 1, p. 109-133.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PADRES APOSTÓLICOS. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin; introdução e notas explicativas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística, v. 1).

PAGELS, Elaine. **The Gnostic Gospels**. New York: Random House, 1979.

POLICARPO DE ESMIRNA. **Epístola aos Filipenses**. Spurge Online, 2021. Disponível em: https://spurgeononline.com.br/wp-content/uploads/2021/09/EPISTOLA_DE_POLICARPO_AOS_FILIPENSES.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

SANTOS, Pedro Paulo Alves dos. **Cristianismo E Gnosticismo: A** recepção de elementos do helenismo religioso. **PRINCIPIA**, n. 26, p. 15-30, 2013. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/7678>

SOARES, André Pereira. **“Amados, não crede em qualquer espírito, mas examinai”**: a ética comunitária joanina a partir da 1ª Carta de João 4,1-6. 2023. 152 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2023.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética**. Tradução de Rogério Portella e Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

WAPNICK, Kenneth. **Love does not condemn: the world, the flesh, and the Devil according to Platonism, Christianity, Gnosticism, and a Course in Miracles**. 2. ed. Temecula, CA: Foundation for A COURSE IN MIRACLES, 2009

YAMAUCHI, Edwin M. The Crucifixion and Docetic Christology. **Concordia Theological Quarterly**, v. 46, n. 1, p. 1-20, Jan. 1982.